

# O LUTO DE DEUS

## *THE MIGHT OF GOD*

### **Jeferson Nervis**

Graduado em Filosofia e graduando em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas.

#### **RESUMO:**

Este texto pretende revisar o ateísmo característico da escola da suspeita, representado em Nietzsche e Freud. Parte-se da ideia de que o ateísmo destes mestres apresenta uma constituição particular e está fundamentado em uma profunda análise interpretativa da sociedade em que viveram e do percurso civilizatório que desembocou em seus dias. O que se quer elucidar mais propriamente é como se deu a morte de Deus e que Deus foi este que se malogrou, para, depois, tentar dimensionar o espaço deixado pela ausência da divindade no mundo humano e como se pode estabelecer uma vida sem este perfil de ser superior. A questão que se levantará é referente à possibilidade deste Deus falso ser apenas um constructo metafísico elaborado pelo próprio ser humano para justificar sua instabilidade e poder neutralizar suas tendências ambivalentes no campo ético-moral. Com isso, pretende-se resgatar algumas das significações mais importantes que este ateísmo trouxe e

pode ainda hoje oferecer à sociedade atual.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Ateísmo. Deus. Moral. Desejo.

#### **ABSTRACT:**

This text intends to review the atheism characteristic of the school of suspicion, represented in Nietzsche and Freud. It starts from the idea that the atheism of these masters has a particular constitution and is based on a deep interpretative analysis of the society in which they lived and the civilizing path that ended in their days. What we want to elucidate more properly is how the death of God happened and that God was the one who failed, to then try to measure the space left by the absence of divinity in the human world and how to establish a life without this profile to be superior. The question that will be raised is related to the possibility of this false God being just a metaphysical construct elaborated by the human being himself to

justify his instability and be able to neutralize his ambivalent tendencies in the ethical-moral field. With that, it is intended to rescue some of the most important meanings that this atheism has brought and can still offer to today's society.

**KEYWORDS:**

Atheism. God. Morals. Desire.

# 1 INTRODUÇÃO

A morte de Deus é uma questão muito batida, e até já um pouco desprestigiada. Ela está neste ponto talvez por ter perdido sua capacidade de impactar ou talvez por gerar no ouvinte, quando não no próprio falante, certa indisposição para a reflexão sobre o seu significado, ou significados, e desdobramentos possíveis para a sociedade do século XXI. Na verdade, em torno a esta afirmação “Deus está morto” foram colocadas inumeráveis questões com vistas a dimensionar o problema, ridicularizar sua gravidade ou elaborar possibilidades de continuidade a partir do reconhecimento desta fatalidade. Aqui se procurará adotar a primeira e a última das inclinações, a saber: primeiro cabe tentar entender o significado metafísico e cultural desta morte; e depois também tentar ver algumas saídas, algumas pontes que poderiam servir de passagem rumo a uma nova significação do sagrado, da fé e da moral e da ética.

Quando se ouve a constatação da morte de Deus se quer dizer aqui que se está ouvindo a expressão da cultura filosófica ocidental nas correntes caracterizadas pela “suspeita”, elevadas às suas últimas consequências por pensadores como Nietzsche e Freud. Estes dois, juntamente com Marx foram de fato os mais exitosos em desmascarar esta condição da divindade ocidental: se considera isto aqui, porque diferentemente de orientações com inspiração no positivismo francês ou no empirismo inglês, estes não demonstraram a extinção de Deus de forma argumentativa ou lógica, mas o fizeram pelo caminho longo da análise das elaborações e investimentos humanos ao longo do

desenvolvimento da civilização e encontraram elementos como “desejo”, “desamparo” e “medo” e os colocaram como condição disfarçada para a elaboração da representação divina. Parece que o ateísmo destes autores tem coisas significativas a dizer a humanidade de hoje e por isso se traz mais uma vez este tema ao qual se quer render novas reflexões.

A partida para esta exposição será em torno à constatação nietzschiana da morte de Deus formulada de forma fundamental no texto “A Gaia Ciência” (NIETZSCHE, 2001). A pergunta aqui quer tentar entender como essa morte aconteceu, quais foram os elementos que a possibilitaram, os recursos utilizados para medir esta constatação, para poder depois disso, traçar algumas características fundamentais deste Deus que morreu e da religião que o buscava. Este percurso será feito com o auxílio destes autores e dos recursos que eles mesmos utilizaram para formular esta constatação. Este auxílio será de grande valia, pois no interior de suas atividades interpretativas será feita uma busca para tentar encontrar elementos consistentes que indiquem alguma possibilidade de continuidade para este humano agora sem Deus. Ainda, existe a disposição de supor, como acontece com uma parte considerável de autores que interpretam o ateísmo citado, que o deus que morreu não é de fato o ser transcendente, mas sua expressão moral, envolta em um rigorismo hipócrita muito característico do tempo em que Nietzsche e Freud desenvolveram suas teses.

Esta incursão por estes temas da humanidade ocidental contemporânea está organizada em torno dos elementos

de que dispõe a filosofia, de maneira que mesmo que se entre em espaços da teologia, se faz isso por perspectivas filosóficas, que nestes casos só pode oferecer as questões e procurar diálogo com a Teologia, pois esta sim tem as melhores condições, perspectivas e o reconhecimento para proclamar sobre as questões de Deus. Os caminhos de ambas se cruzam, e a troca pode acontecer quando “o humano” está envolvido. Então, enquanto exercício filosófico vai-se mais propor que concluir.

## 2 A CONSTRUÇÃO DE UM DEUS OU O ABANDONO DE SI

Para a contextualização da problemática é interessante acompanhar a formulação de Thomas Kuhn que, quando lê o desfecho da modernidade e sua relação com o surgimento da contemporaneidade, conclui que houve uma “mudança de paradigma” em que os elementos fundamentais que compunham as bases metafísicas da modernidade ruíram, ocasionando uma grande crise ontológica. (KUHN, 2007). Na verdade, a modernidade está assentada no preconceito do apriori da consciência lógica e racional, como fundamento primeiro e absoluto de onde tudo deriva. Descartes é - como expressão importante de fundação da modernidade - o genuíno representante desta problemática e o projeto que caracteriza sua filosofia é justamente a busca por um fundamento inabalável onde se possa organizar o mundo. Porém, a filosofia moderna não conseguiu levar a cabo tal intento e acabou desembocando no antropocentrismo. Com efeito, este modo de proceder traiu o

propósito moderno, pois ao invés de um futuro seguro para a produção humana, desembocou no objetivismo, no psicologismo, no positivismo, na quantificação do mundo humano, não permitindo a construção de um método científico que fosse capaz de dar conta da liberdade humana, de sua condição de agir por valores, de traçar projetos, etc. Com este fraco projeto filosófico, as elaborações humanas deixaram de ser vistas como prioridade e o esquecimento do humano foi consequência disso.

É no contexto em que a crise já está instalada, embora ainda não refletida, que surgem as expressões dos chamados “mestres da suspeita”, por justamente fazer a leitura daquele momento e perceber que aquele projeto moderno na verdade não conseguiu oferecer tudo do que prometia. O tipo de ateísmo deles só se compreende dentro da tomada de consciência das falhas desse projeto e da necessidade de se desenvolver novas perspectivas, ou novos paradigmas para lembrar Kuhn, a partir das quais repensar o humano e suas formas de efetivação e simbolização cultural. Na verdade, esta característica é particular deles e é por isso que seu ateísmo chama a atenção: ele não pode ser aceito ou combatido com ferramentas de outra natureza paradigmática. Aliás, talvez o próprio ateísmo ofereça a possibilidade de rever algumas questões da crença ocidental a partir da aceitação da metodologia destes pensadores e do percurso que fizeram para mostrar suas teses. Então, abordar hoje o tema deste ateísmo com ferramentas adequadas de reflexão pode até dissolver a problemática.

Nietzsche, como é sabido, adota a constatação do niilismo para declarar a morte de Deus e, também, a partir de uma genealogia, indica que houve uma inversão dos valores que explica este acontecimento. É interessante notar que a questão dele não é tanto assumir a posição de ateu, mas sim de verificar e fazer ver que Deus morreu. Então, o percurso dele é primeiro explorar os limites da metafísica, cujo desenvolvimento levou ao esquecimento de Deus, até chegar ao seu ponto mais extremo que é sua própria implosão, resultando no nada: para ele o nada já começou a ganhar espaço lá atrás, quando Sócrates encaminhou as primeiras reflexões de cunho metafísico; e, de lá pra cá, este nada foi sempre ganhando mais espaço até tomar por completo o ambiente filosófico e reduzir tudo a pó, criando o grande vazio que é sua característica. Com efeito, é neste tom interrogativo-demonstrativo que ele põe esta reflexão: “Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro – para onde? Rumo ao nada? O lancinante sentimento de seu nada?” (NIETZSCHE, 1998, p. 142-143). Então, não é Nietzsche que inventa o niilismo, e olhando bem, nem o niilismo que cria o nada: o niilismo se confunde com o processo histórico da metafísica que Nietzsche presencia e do qual é testemunha. Em termos declinativos, o niilismo é a essência da metafísica baseada num ideal abstrato que desacredita e despreza a vida humana, com seus elementos terrenos e o componente instintual. Só para citá-lo novamente, em Para além do Bem e do Mal ele define assim o procedimento destes filósofos:

Este é o preconceito característico dos metafísicos de todos os tempos, este gênero de apreciação se encontra na base de todos seus procedimentos lógicos. A partir desta "crença" esforçam-se em alcançar um "saber", criam a coisa que, afinal, será pomposamente batizada com o nome de "verdade". A crença medular dos metafísicos é a crença na antinomia dos valores. Nem aos mais avisados dentre eles ocorreram dúvidas desde o início, quando teria sido mais necessário: ainda que tivessem feito vota "de omnibus dubitandum.[...] Qualquer que seja o valor que concedamos ao verdadeiro, à veracidade, ao desinteresse, poderia acontecer que nos vissemos obrigados a atribuir à aparência, à vontade da ilusão, ao egoísmo e à cobiça, um valor superior e mais essencial à vida; poder-se-ia chegar a supor inclusive que as coisas boas têm um valor pela forma insidiosa em que estão emaranhadas e talvez até cheguem a ser idênticas em essência às coisas más que parecem suas contrárias. Talvez! ... mas há quem se preocupe com esses perigosos 'talvez'? (...) Falo com toda sinceridade, pois vejo a vinda desses novos filósofos. (NIETZSCHE, 2001, p. 12).

É com esta interpretação e este procedimento, apontando o desvio do humano nas ilusões da metafísica, que ele desvela o trabalho nadificante do niilismo, acabando por desmorronar com todos os elementos universais e estáticos que justificavam tal metafísica. Veja-se bem: o Deus que ele vê morto é o Deus metafísico, abstrato, fundamento da moral e da ética, responsável pela depreciação da própria condição humana movida por conteúdos apolíneos e dionisíacos. É por isso também que a inversão dos valores ou a transvaloração dos valores vem na esteira do niilismo: essa operação que é mais a inversão de uma inversão visa recolocar o

humano no seu lugar, retornando até a fonte de onde emanam verdadeiramente os valores que é a vontade de poder.

Mas cabe deixar Nietzsche por hora e ver como Freud faz, por sua vez, seu caminho, para depois tentar ver os pontos de cruzamento. A ciência psicanalítica como um todo, assim como diz Ricoeur no ensaio sobre Freud, é o método do retorno, procedimento que visa acompanhar as incursões do Desejo humano através do “drama edípiano” que está por trás da elaboração oficial da consciência moral. (RICOEUR, 1977, p. 36-37). Ou seja, neste sentido a questão de Freud é a do Superego e fazer ver com sua hermenêutica que se trata de uma instituição adquirida e internalizada, e sua posição de instância absoluta é na verdade apenas aparência. É por isso que o trabalho psicanalítico é também uma interpretação que visa encontrar e desmascarar as incongruências buscando a restauração do sentido.

Para o pai da psicanálise a vivência religiosa está fundamentada em dois princípios que a sustentam: a consolação e a condenação. Estes princípios representam a dinâmica própria do superego que se desenvolveu a partir do complexo de Édipo. Ele consegue chegar a esta conclusão depois de fazer cruzar dois caminhos que percorreu: por um lado a experiência clínica da pessoa histérica e neurótica que recalca seus desejos e ambos retornam em forma de sintomas, indicando uma grande ambivalência de sentimentos, que de um lado impulsionam ao prazer, de outro proibem e produzem culpa; no segundo caminho a interpretação da cultura baseado principalmente na etnologia, com as fases de totem e tabu

dos povos primitivos, que representam de forma celebrativa, grupalmente, esta dinâmica do desejo que aos poucos vai se internalizando com a evolução cultural. Então este retorno em busca das origens da neurose faz transparecer um paralelo, possível por um processo de substituição, apontando para o complexo de Édipo como herança que pertenceu primeiro aos ancestrais. Os paralelos que ele pode fazer com as descobertas psicanalíticas partem da hipótese de que é possível identificar semelhanças entre os traços ancestrais, arcaicos relatados na etnografia e os sentimentos ambivalentes de admiração, culpa, ódio dos indivíduos contemporâneos em relação à figura paterna. Em *Totem e Tabu*, Freud, acompanhando as colocações darwinianas, constrói sua hipótese da seguinte maneira:

Se, agora, reunirmos a interpretação psicanalítica do totem com o fato da refeição totêmica e com as teorias darwinianas do estado primitivo da sociedade humana, (...) Tudo o que aí encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem. (...) Se chamarmos a celebração da refeição totêmica em nosso auxílio, poderemos encontrar uma resposta. Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. (...) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. (FREUD, 1996, p. 102-103).

O psicanalista reflete que os irmãos estavam cheios de sentimentos ambivalentes em relação ao pai, pois ao mesmo tempo em que o amavam e admiravam sua força protetora, também o odiavam, já que representava um obstáculo a sua vontade de poder e satisfação de desejos sexuais. A conclusão seguinte de Freud é que o assassinio do pai, após ter-lhes trazido a satisfação dos desejos logo cedeu espaço ao sentimento de afeição que tinha sido momentaneamente recalcado, retornando em forma de culpa. Assim, o pai morto tornou-se ainda mais forte do que antes, pois agora os irmãos tentariam anular o ato cometido criando um totem, como substituto do pai, para representar a proibição fundamental, ou melhor, as duas proibições fundamentais que são o incesto e o assassinato, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. (Idem, p. 103). Desta forma, Freud põe a invenção do totem como a primeira tentativa de religião já compreendendo em germe as duas questões fundamentais das quais a religião depende até os dias de hoje que são caracterizados pelas duas faces do pai: a interdição, a lei, e a consolação, a proteção.

Estas aplicações de Nietzsche e Freud já têm aproximadamente um século de suas publicações, de modo que são bastante conhecidas e discutidas nestes pontos que foram levantados aqui, tornando desnecessária uma exposição sistemática mais prolongada. Com isso, pode-se tentar levantar algumas linhas reflexivas que parecem surgir a partir do posicionamento destes dois autores. Antes de mais nada, é possível dizer que o deus

que ambos destronam trata-se na verdade de uma instituição criada pelo ser humano, cuja finalidade é a de ser o Outro do investimento, o espelho que permite refletir as próprias questões humanas, naturalmente de forma distorcida, alienada, recalcada, projetada para fora de si mesmo e tão deturpada que impediu o seu próprio reconhecimento. Reconhecimento, esta é uma palavra cara aos dois ateus, uma vez que seu empenho, que embora tenha focado primeiramente na demonstração da distorção, foi o de reconstruir através do método genealógico e econômico a dinâmica interna deste processo de distorção, indicando ao final como se constituiu a ilusão de um deus. É por isso que o ateísmo deles é historicamente situado e pode estar a serviço, na verdade, de uma profunda mudança na compreensão que o ser humano tem de si e de seu Deus. O que é o mais relevante para esta investigação já pode ser esboçado: aqui se interpreta nestes pensadores muito mais que uma crítica revoltada e inconsequente de um sistema religioso baseado num deus que na verdade não só teve sua fragilidade e morte constatada, mas que nunca existiu de fato. O desenvolvimento e a exposição de suas obras indicam também que seu trabalho pode se prestar a auxiliar os indivíduos a reconhecer e assumir sua natureza e seus limites, para enfim poder pôr no horizonte novos projetos.

Seguindo um pouco a Paul Ricoeur aqui se entende também que a grande pedra de toque capaz de ligar e dar sustentação aos dois significados lidos aqui das interpretações de Freud e Nietzsche, a saber, a desconstrução e o novo projeto, cruzam-se nos seus conceitos de niilismo

e trabalho de luto. (RICOEUR, 1988, p. 434). No caso de Nietzsche e de sua abordagem do niilismo se pode perceber que sua incursão visa demonstrar como a inversão dos valores aconteceu, abrindo uma via interpretativa que a seu cabo faz a criação dos valores recordar-se à si própria, ou seja, a vontade de poder. A filosofia do martelo toma o viés regressivo para, com seu impacto atingir de forma fundamental, a prioridade da consciência e da lógica e a dicotomia entre consciência e objeto, operadas no procedimento metafísico, para devolver o ser humano a si mesmo.

No "em si" não há nenhum vestígio de "nexo causal", de "necessidade", de "determinismo psicológico", o "efeito" não é consequência de nenhuma "causa", nenhuma "lei" impera ali. Ninguém mais que nós foi o inventor de tais ficções como: a causa, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a necessidade, o número, a lei, a liberdade, a razão, o fim, e quando introduzimos falsamente nas "coisas" este mundo de símbolos inventados, quando o incorporamos às coisas como se lhes, pertencesse "em si" mais uma vez, como sempre fizemos, criamos uma mitologia. Na verdade estamos frente à vontade forte ou fraca. (...) Toda a psicologia manteve-se vinculada, até hoje, a preconceitos e apreensões de ordem moral; não ousou adentrar em suas profundezas. Concebê-la, como eu o faço, sob as espécies de uma morfologia e de uma genética da vontade de potência. (NIETZSCHE, 2001, p. 31-33).

Assim, por traz da idéia de livre arbítrio ou autonomia da vontade como se queira chamar, há, ainda, outro elemento que os criou que é uma vontade ressentida, a vontade dos fracos. Nietzsche faz notar com isso que a decisão pela metafísi-

ca é como que uma terceirização da produção da moralidade e da ética, rendendo-se assim, a uma realidade a qual o ser humano não pertence, pois sua realidade está na vontade de poder, onde o código moral pode ser sempre superado.

No caminho freudiano, a origem da religião é a questão do pai, a questão da interdição e da consolação. A estrutura da ambivalência de sentimentos em relação à autoridade, que primeiramente era expressa concretamente no grupo, passou a ser internalizada no conceito denominado por ele de superego: este também é, assim como o absoluto metafísico, uma construção ideal de onde procedem as referências para a moralidade. Acontece que esta estrutura, ao ser internalizada, passa a ficar escondida, distorcida no psicológico, completamente imperceptível ao seu portador que, alienado de suas exigências inconscientes e superegógicas, passa a aceitar de bom grado como fonte de seu referencial moral, a constituição de uma doutrina religiosa completamente externa a si e fundamentada num Deus responsável pela estrutura de leis e suas implicações punitivas, as quais segue sem pôr interrogação. Assim, a tarefa psicanalítica se caracteriza, antes de tudo, como um trabalho de decifração das distorções que o Desejo foi obrigado a elaborar ao longo do desenvolvimento do indivíduo em sociedade: cifração essa que acontece em função das exigências dos acordos civilizatórios que impõe limites ao princípio do prazer. Para Freud, o ganho com o trabalho psicanalítico está em o indivíduo dar-se conta desse caminho tortuoso o qual percorreu, e entender que o imperativo moral que segue é na verdade a síntese

deste conflito entre desejo e interdição, entre consolação e condenação. Esse ganho se expressa com muitos significados importantes: depois deste trabalho interpretativo é possível ver o componente religioso de conteúdo moralista, e a própria divindade, como resultante da alienação da consciência; ou seja, para a psicanálise a consciência não pode ser posta como princípio de qualquer coisa que seja, pois ela só pode ser adquirida através deste trabalho de decifração, que vai fazendo reconhecer os investimentos, e principalmente “se” reconhecer nos investimentos, de maneira que ela passa a ser o processo de ocupação de um território, para usar uma analogia espacial, aonde o humano vai se construindo.

Mas o significado mais importante para esse estudo ainda não foi dito: este trabalho de reconhecimento faz aparecer a humanidade de um aparente e ingênuo Ser superior, que agora pode ser referido à figura do pai, da autoridade. Este pai, humano, falho e com limites, passa a ter automaticamente questionado seu lugar de referência para toda conduta. É isto que leva Freud a pensar sobre a necessidade de se fazer o luto do pai como um processo de libertação das amarras que mantinham preso o sujeito, como vítima de uma infinidade de forças que o escapavam e o atormentavam. De fato, a partir desta visibilidade se pode reconhecer o pai como o parceiro da mãe, reconhecê-lo nesse sentido significa renunciá-lo. Um exemplo desta aplicação psicanalítica pode ser encontrado em seu texto sobre Leonardo onde expõe de forma concreta o formato e as consequências de tal desapego da figura paterna.

Quando alguém, como aconteceu com Leonardo, escapa à intimidação pelo pai durante a primeira infância e rompe as amarras da autoridade em suas pesquisas, muito nos admiraríamos se continuasse sendo um crente, incapaz de se desfazer dos dogmas religiosos. A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai. (FREUD, 1996, p. 74).

Para Freud o contexto em que Leonardo viveu e graças a sua grande habilidade para sublimar o permitiu, em termos energéticos, fazer o desinvestimento da figura paterna e abrir um novo horizonte amplamente promissor que o permitiu se transformar no grande gênio e impar sujeito que foi. Fato curioso, e que Freud ressalta logo depois desta conclusão, é que nas anotações de seu diário, Leonardo manifesta a sua admiração pelo Criador, mas um Criador do qual não se pode esperar uma relação pessoal, misericórdia, ou mesmo ira. A publicação deste estudo sobre esta personalidade teve sua publicação em 1910 e em 1917 saiu a primeira publicação de outro texto que pode ser escutado para que se explore adequadamente este tema do luto: o texto referido é luto e melancolia. Neste escrito importante, o psicanalista indica que o luto compreende o processo de reconhecimento da ausência do objeto amado e a consequente exigência de retirada do investimento deste objeto. Ele ainda pontua que o ser humano geralmente não gosta de abandonar essas conexões e é isso que acaba provocando o retraimento do ego e o sofrimento visível com o qual se depara o

enlutado. Mas, parece que outro texto um pouco mais tardio, de 1920, “além do princípio do prazer” pode pôr luz nesta temática: as colocações de Freud neste texto apontam para o fato de que para o sujeito é preferível estar doente e sentir-se amado do que o contrário se ele não enxergar outra saída, indicam a idéia do ganho secundário como satisfação para o doente. Esta descoberta leva a um ponto importante na psicanálise: uma condição existencial do ser humano é a necessidade do outro, de ter alguém por quem ser reconhecido e amado, ou como diz Ricoeur em “O percurso do reconhecimento” que há no ser humano um esforço por existir, um desejo para ser. Se se levar essa idéia para o luto, ela pode facilitar o entendimento da dor do desinvestimento característico deste trabalho, pois havendo um vínculo há também um sujeito reconhecido, que na exigência do luto, principalmente se ele não for bem sucedido, corre o risco de ter partes de si desintegradas. Isso faz tanto sentido que o psicanalista inclusive descreveu o luto em comparação com a melancolia que é justamente o desinvestimento que compromete também o ego.

O luto da função paterna pode ser então um recurso significativo para pensar a questão de Deus. É claro que quando se fala em termos como pai, autoridade, Deus, função paterna está se referindo exatamente à função como o Outro do complexo, sem levar em conta as particularidades de uma experiência com um pai real. Nesse sentido, até mesmo a ocorrência factual ancestral do parricídio pode se deslocar a uma simbolização sem que se perca o essencial do jogo de investimentos e contra investimentos. Este tema do luto

rendeu e rende muito ainda na psicanálise, de modo que já foi revisto por vários representantes expoentes desta vertente e certamente mantém uma dinâmica tanto econômica como de sentido que parece inesgotável. No entanto, se compreende que aqui se disse, mesmo que em linhas gerais, o desenvolvimento deste trabalho, que pode conduzir o ser humano a um novo limiar de liberdade, onde possa contar mais consigo mesmo em detrimento de fortes pendências irrefletidas que o mantém limitado. Chega-se assim, ao fim do percurso proposto tanto por Nietzsche como por Freud em que o primeiro se utiliza do choque de cultura para chamar a atenção do ocidente a respeito de suas próprias inversões e o segundo, por sua vez, faz uso de um método interpretativo que se quer terapêutico, para recolocar o ser humano em contato com sua verdadeira história. Com isso os dois pensam que estão apontando muito mais do que limites e falhas, mas novas perspectivas e possibilidades para a saída do ser humano deste impasse que o torna escravo e vítima indefesa de si mesmo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Claramente, o fenômeno religioso de maneira geral é muito mais amplo que esta discussão narrada aqui, e também, existe outros caminhos que são igualmente apropriados do ponto de vista reflexivo para abordá-lo e dar-lhe contornos completamente diferentes. Porém os significados de reflexão que se pode extrair desta abordagem em particular são valiosos, porque ajudam a pensar não só a religião em seu aspecto moral e ético, mas

muito mais o humano que vive e significa esta experiência. Neste sentido, o trabalho da suspeita tem grande valia para o contexto, pois insere na aparente objetividade exatamente a possibilidade da aparência, apontando para o aquém desta objetividade, denunciando sua característica de projeção. Um aspecto fundamental desta escola, como foi dito, é o de questionar o óbvio, aquilo que é suposto como dado naturalmente para o ser humano moderno e denunciar sua fragilidade e falsidade, ou seja, a ideia que se mostra insustentável é a da consciência como primeira, racional e lógica.

É de fato valiosa esta explanação, pois tem o dom de recolocar o ser humano em seu caminho, – já que a partir dela entende-se que o humano se perdeu de sua própria construção em algum ponto, concluindo-se terminado – mesmo que inicialmente o deixe parcialmente desamparado. O desamparo advém de descobrir-se um ilusionista de si mesmo, e com sucesso; para, logo enfim, deixá-lo em contato com sua grandiosa tarefa, a tarefa de encontrar sinais de si, de sua consciência, através do caminho longo pelo irrefletido, e montar o mosaico que narra sua subjetividade: depois da suspeita a consciência só pode ser olhada como uma tarefa, mas não propriamente a tarefa de fazê-la e sim a tarefa de re-fazê-la através da costura de sentidos antes ignorados, recalcados, esquecidos. Nesta nova conduta, o ser humano enfim poderia reconciliar-se com o mundo objetivo, com o Ser, abandonando-o enquanto oposição para resgatá-lo como o Outro de si mesmo, aquele através do qual pode se reconhecer.

É por isso que também a instituição religiosa sofre abalos importantes, e seus aspectos operacionais são colocados em cheque, pois agora o humano pode ver-se consigo mesmo e purificar profundamente a noção do que cabe a si e do que lhe é externo. Então, este percurso pode muito mais que matar Deus, permitir-lhe mostrar mais de si a partir da liberação de terreno, antes pertencente à ilusão. Se Deus existe, ele está pra além do Desejo humano, lá onde a humanidade não pode tocá-lo ou submetê-lo com suas artimanhas. Com isso seria possível olhar para as significações divinas e ver se há Deus pra além do código de conduta social ou do objeto de consolação, em outras palavras ver se há Deus pra além da axiologia, um Deus que só pode agora ser encontrado numa ontologia dada anteriormente a qualquer representação epistemológica. Um Deus assim estaria muito mais empenhado em fazer evoluir sua obra, em humanizar o mundo humano, ele poderia ser o Deus do amor, mas não em sentido afetivo ou psicológico e sim como dom que constrói, que harmoniza, que devolve cada qual à sua natureza e dá a orientação do sentido, viabilizando uma operacionalidade que antecede à dicotomia sujeito-objeto e pode ser identificado no mesmo ato em que o humano também se identifica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda, 1996.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação: um ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda, 1977.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Cidade do Porto: rés, 1988.

THOMAS KUHN. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.